

# O futuro é ancestral e entrelaçado pelos afetos

*Amanda da Trindade Bitencourt*

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui.  
(Krenak, 2022)

O texto que apresentamos na epígrafe abre o primeiro capítulo do livro de Ailton Krenak, *Futuro Ancestral*. Ailton Krenak abre o primeiro capítulo de seu livro *Futuro ancestral*. O autor, nascido na região do Vale do Rio Doce, território do povo Krenak, é ativista do movimento socioambiental e de defesa dos povos indígenas e tem uma extensa biografia como escritor, jornalista, ambientalista e líder indígena. Além disso, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia, e colaborou na criação da União das Nações Indígenas (UNI).

Krenak obteve destaque com sua luta entre as décadas de 1970 e 1980 e, com isso, desempenhou papel relevante nos debates da Assembleia Constituinte, que teve como resultado a atual Constituição brasileira, conhecida como Constituição Cidadã. Sua participação garantiu a inclusão da temática indígena, na Constituição de 1988, com o capítulo “Dos índios”, que determina os direitos indígenas à cultura autóctone e à terra.

Ailton Krenak acumula inúmeras apresentações pelo Brasil e

em outros países por onde passou, compartilhando suas reflexões e questionamentos acerca dos problemas socioambientais e dos direitos indígenas que marcam a contemporaneidade. Na obra *Futuro ancestral*, o ativista nos apresenta outro futuro possível, que não é apocalíptico porque é ancestral.

A obra, dividida em 5 capítulos – “Saudações aos rios”; “Cartografias para depois do fim”; “Cidades, pandemias e outras geringonças”; “Alianças afetivas”; e “Coração no ritmo da terra” –, está baseada em sete intervenções orais do autor, ocorridas nos anos 2020 e 2021, em eventos em que proferiu esses discursos que foram recopilados pela autora Rita Carelli e transformados em textos.

No primeiro capítulo, “Saudações aos rios”, o autor evoca os rios como seres vivos presentes aqui antes mesmo de nós. Os rios, que, segundo o autor, são caminhos dentro da cidade, são entidades que estão em todo lugar e pelas quais nossos assentamentos - não importa o continente - sempre foram atraídos.

Krenak mostra que, diferente da cultura ocidental, a relação indígena com os rios é de comunhão, é de viver *o nós*.

À noite, suas correm velozes e rumorosas, o sussurro delas cresce pelas pedras e forma corredeiras que fazem música e, nessa hora, a pedra e água nos implicam de maneira tão maravilhosa que nos permitem conjugar o nós: nós-rio, nós-montanha, nós-terra. Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice da antropomorfia, e experimentar outras formas de existir. (KRENAK, 2022, p. 14).

A experiência que o escritor revela pode ser comparada com a descrita pelo peruano José María Arguedas (1983) em sua obra mais emblemática, *Los ríos profundos*. Para Arguedas, assim como para Krenak, os rios são esses seres incontroláveis, bravos, que abrem espaço entre rochas e vão desaguar

distante. Entretanto, o rio é também alvo de uma civilização abusiva que desrespeita a natureza e o obriga a desviar seu curso, mergulhando fundo no solo, buscando lugar em camadas abaixo na tentativa de sobreviver. E é de lá, dessas camadas entranhadas, que ainda brota vida e sendo, assim, possível ouvir “*el rumor de espacio*” provocado por esses rios subterrâneos profundos que se desviam da ganância, negando-se a sofrer esse *bullying*, optando, assim, por desaparecer dos olhos da destruição humana.

No segundo capítulo, “Cartografias para depois do fim”, o filósofo indígena postula um mundo de cartografias plurais tão potente a ponto de não haver conflito entre as diferentes formas de enxergar o mundo. Ele nos afirma que:

De ré, poderíamos dizer que no princípio era a folha. Outras narrativas vão dizer que no princípio era o verbo. Outras ainda vão criar paisagens bem diversas, e isso é maravilhoso. Entre tantos mundos, me sinto especialmente tocado pelas histórias que nos aproximam dos seres invisíveis aos olhos turvos de quem não consegue andar na Terra com a alegria que deveríamos imprimir em cada gesto, em cada respiro (KRENAK, 2022, p. 31).

Entretanto, Krenak indaga seu interlocutor sobre que mundo seria este, se, quando pensamos em “mundo”, imediatamente nos vem a ideia deste que ocupamos, tomado pela metástase do capitalismo - ou *capitaloceno*. O ativista propõe o desafio de pensar as cartografias das sociedades sem o assombro das narrativas de fim de mundo, tão presentes no cenário atual sempre que paramos para refletir sobre as questões socioambientais.

Olhar somente para as narrativas de fim de mundo, segundo ele, nos fazem querer desistir dos nossos sonhos, e é justamente dentro destes sonhos que estão as memórias da Terra e dos nossos ancestrais. Para criarmos narrativas de mundos possíveis, assim como os rios, precisamos mergulhar nas camadas mais profundas da terra, em busca de epicentros

que não sejam unicamente fincados pela ação humana.

Ailton Krenak nos conduz a um pensamento fora da lógica ocidental, rechaçando a visão colonial de apenas uma narrativa possível, com um único centro de onde brotam as regras de vivência do mundo. Como os rios que nascem em pequenas nascentes e se unem, ao longo do caminho, a outros demais pequenos rios e chegam a desaguar em imensidão de água, assim devem ser o pensamento e a construção de narrativas de mundos possíveis. Confluindo em mundos que podem se afetar, como ele nos afirma.

As confluências, como Krenak traz em seu texto, retomando as formulações de Nêgo Bispo (2019), demonstram a possibilidade de narrativas insurgentes, subvertendo a lógica de subordinação à ideia colonial de igualdade e conciliação como única solução. As confluências não darão conta de tudo, mas nos permitirão caminhos distintos. E é justamente esse o caminho para desmistificar esse mundo uníssono e convocar ideias de outros mundos, baseados nas cartografias de afetos, numa ideia radical de libertação do sujeito que nos leve a lugares para além da concepção de finitude, para além das narrativas de fim de mundo como cenários apocalípticos.

É após reivindicar mundos outros que Krenak nos traz, no terceiro capítulo, o cenário que assombrou a todos os cidadãos de todas as partes deste planeta Terra, que foi o da pandemia de COVID-19, iniciada em 2020. Intitulado “Cidades, pandemias e outras geringonças”, nesta parte o autor traça paralelos entre a COVID-19 e a ideia do capitalismo. O socioambientalista nos instiga constantemente com seu pensamento radical e, neste capítulo de sua obra, retomando a fala de Conceição Evaristo, ele afirma que seria mais fácil ocorrer o fim do mundo do que o do capitalismo.

Retornando à “Cartografias para depois do fim”, o autor nos coloca novamente diante da questão do capitalismo como eixo importante na construção das sociedades, que pautam a noção de progresso pelas ofertas

feitas pelo sistema capitalista. Assim, o indígena, mais uma vez, nos provoca afirmando que graças ao regime econômico, em breve seremos apenas espectadores, recebendo tudo o que é oferecido por esse sistema.

Historicamente, como ele afirma, as cidades se tornaram oposição às florestas e, dentro desse processo de modernização tardia ocorrido no Brasil, o incentivo ao abandono do campo em busca dos centros urbanos provocou a produção da pobreza. Nesse sentido, o autor comunga com a postulação estabelecida por Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro quando afirmam, na obra *Há mundo por vir? Ensaios sobre medos e fins* (2014), que neste país há uma grande especialização em produzir pobres.

O capitalismo, necessitando de uma plataforma urbana para exercer seu caráter civilizatório, retira pessoas de suas terras na floresta e as encaminha para a tal urbanidade. Desse modo, como nos aponta Ailton Krenak, ao tirar indígenas de sua floresta, onde possuem alimento, água e autonomia, e enviá-los para outros cenários, o que se está fazendo, na realidade, é produzir ainda mais pobreza.

Esse modelo instituído, considerado o modo civilizatório na ideia de progresso, já pode ser lido como *necrocapitalismo*, uma vez que, ao deslocar sujeitos de suas regiões de origem para cidades que podem ser entendidas para eles como ambientes hostis, define quem são os corpos menos importantes socialmente. Esse contexto é o que o filósofo africano Achille Mbembe considera como *necrocapitalismo*, no qual “a expressão máxima da soberania reside em definir quem deve viver ou morrer, é o controle da mortalidade como manifestação de poder, definindo quem é e quem não é descartável” (MBEMBE, 2018, p. 5).

Segundo o filósofo indígena, essa ideia de urbanidade, aliada ao sanitarismo, associa toda noção daquilo que não está saneado a sujo ou impróprio. Nesse sentido, a distopia causada por esse pensamento afasta cada vez mais as pessoas das florestas, dos organismos vivos que também

compõem a pólis. A lógica da nossa existência é também selvagem, no sentido de uma potência de existir, que não deve ser esquecida ou abandonada pelas escolas, por exemplo, e ser perpetuada por uma lógica de civilização urbana que exclua tudo aquilo que não se encontra nos grandes centros urbanos.

Ailton Krenak nos instiga a reflorestar nosso imaginário para que, talvez assim, consigamos reaproximar uma poética de urbanidade que nos devolva a potência da vida, sem apenas os cimentos cinzentos da cidade, buscando a sinuosidade dos rios em contraponto às mentes retas, concretas e eretas que só cabem no projeto urbano planejado.

Essa comunhão entre as ideias de floresta e cidade, essa aliança afetiva que pode unir, como nos incitou Krenak, as curvas do curso do rio, reflorestando o concreto da urbe, é o tema que ele aborda no quarto texto de seu livro e que é intitulado como “Alianças afetivas”.

Na abertura desse capítulo, Ailton Krenak apresenta a ideia de *florestania* que ele diferencia de cidadania, uma vez que o primeiro conceito está pautado em uma aliança que reivindicava direitos para os povos que vivem na floresta. Liderados por Chico Mendes, seringueiros e indígenas buscavam pelo reconhecimento e proteção de suas terras e, colocando-se contrários à decisão do governo federal, no final da década de 1970, formaram-se em uma resistência em prol da manutenção e não destruição de regiões de floresta ao sul do Amazonas. Assim, uniram-se em uma *florestania* para garantir a fluidez do rio e o contínuo das matas.

Essa ideia de *florestania* está intimamente relacionada com a ideia de comunidade presente na cultura indígena. Entretanto, o senso de coletividade caminha, quase sempre, na via oposta ao capitalismo, movido pela disputa.

Dentro desse cenário das alianças com base no afeto e contrárias aos interesses exploratórios do capital, surge a Aliança dos Povos da Floresta, nascida da união de lideranças indígenas e da criação de reservas

extrativistas. Ailton Krenak foi um dos idealizadores desse movimento, no qual buscavam por igualdade nessa experiência política, como nos afirma o autor.

Dentro dessa demanda por igualdade política, a linguagem traz, em si, ideias impregnadas acerca do que é fazer política. Ocorre que, como reitera o filósofo, quando os sujeitos por trás dessa política não são os mesmos criados pela pólis, podem criar mundos diversos do até então vigente. Desse modo, nesse outro mundo não regido pela prática política comum em que se encontravam, Krenak e seus companheiros não buscavam convergir, mas sim confluir. Criar cenários e mundos e, nesse sentido, a *florestania* não dava espaço às alianças políticas tradicionais, obrigadas a chegar a um ponto de convergência, mas, sim, unir-se em, para e por alianças afetivas.

As alianças afetivas, segundo o indígena, não reclamam por igualdade porque reconhecem as desigualdades intrínsecas dos sujeitos, produzindo, dessa forma, encontros capazes de construir afetos e sentidos, de elaborar outros mundos possíveis, com base nas cosmovisões pluriversais.

A criação desse mundo pluriversal, capaz de abarcar diferentes formas de sentir e pensar, é o que movimenta o quinto e último capítulo de *Futuro ancestral*. Com o título “O coração no ritmo da terra”, essa seção expõe a ambiguidade identificada pelo autor na relação construída entre educação e futuro.

Krenak elabora sua crítica em torno da noção acelerada do tempo quando vinculada à perspectiva da educação como projeção de futuro. A exemplo disso, o autor discorre sobre a necessidade de permitir que as crianças possam *ser*, no sentido de cada sujeito, criança ou adulto, possuir sua essência ao chegar neste mundo. Segundo ele, aquilo que ao longo dos anos é transmitido aos infantes como ensinamentos pedagógicos são, na realidade, camadas que se acrescenta àquele sujeito que já existe.

O ativista postula que a modernidade nos provocou, desde sempre,

a estar inserido no mundo de forma competitiva, disputando espaço com os demais em busca de um lugar futuro. Futuro esse que, como ele afirma, não passa de algo ilusório e ainda inexistente. E a ideia desse mundo futuro quase sempre vem dentro de um pacote semelhante e entregue aos sujeitos que ficam presos a essa única narrativa possível de existência, como ele bem resumiu a fala da escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2019). Essa concepção de único mundo possível gera cada vez mais ansiedade e estresse, uma vez que todos estão em busca de um único objetivo em comum no qual apenas o melhor vence.

Para Krenak, em lugar de gastarmos tempo produzindo o futuro, deveríamos nos preocupar em receber toda a criatividade e inventividade que as crianças são capazes de elaborar, como a oportunidade de estabelecer novos universos. Para o escritor, os primeiros anos de vida fazem um mapa cartográfico do mundo e o oferecem para a experiência adulta. E é justamente a partir desse mapa que nossa sociabilidade é moldada, estabelecendo nossos vínculos não somente com os humanos mas também com todos os seres não humanos que formam a vida.

Essa relação com todos os seres constitui uma conexão com a origem, com a memória da criação do universo e com as histórias poéticas sobre as culturas. Esse modelo ocidental que recepciona as pessoas recém-chegadas e imprime nelas as expectativas dos adultos limita, segundo o autor, as vivências possíveis de experiência coletiva das crianças.

Desde muito cedo, os adultos sugerem que as crianças precisam alcançar lugares de excelência na sociedade em busca de um pódio que apenas uma pessoa é capaz de ocupar. No entanto, como ele alega, esse pódio é um lugar inventado no qual podem caber muitos.

A educação, para o escritor, nada tem a ver com essa ideia de futuro. Isso porque o futuro é esse lugar imaginário e a educação precisa partir de uma experiência real. A educação que Krenak pleiteia não é que formata pessoas, mas a que apresenta experiências tão vastas que seriam capazes de



lhes permitir fazer tudo aquilo que fosse necessário na vida. As crianças, de acordo com o líder indígena, devem aprender a viver no coletivo e a colocar seus corações no ritmo da terra.

Nessa narrativa de pouco mais de cem páginas, Ailton Krenak nos expõe seu pensamento radical acerca dos rumos da sociedade. Como socio ambientalista, ele reflete sobre os diferentes problemas sociais, desde o direito à terra até os transtornos psíquicos, como a ansiedade e o estresse. O autor demonstra as possibilidades de mundos diversos, não assentados exclusivamente com base no capitalismo, como maneiras de coexistir com todos os seres humanos e não humanos.

Ailton Krenak nos brinda com um discurso extremamente necessário e atual, reivindicando políticas diversas que abram espaço para as dissidências e pensamentos que não convergem, mas confluem, trazendo não uma solução, mas permitindo pensar caminhos de existências. A retomada às origens, às florestas, aos rios e aos ancestrais apontam a direção para elaboração de um porvir distinto das narrativas de fim de mundo. Um porvir preocupado desde o presente com a manutenção de um lugar que seja unido pelos laços de afeto, pelas políticas que confluem, pelas narrativas de (re)criação e, sobretudo, por uma educação que respeite à terra e ensine que a Pacha Mama é o organismo vivo que permite aos brancos, indígenas, negros ou asiáticos, mulheres ou homens, e toda a natureza humana e não humana a seguir existindo aqui. Portanto, que saibamos todos que “*O futuro é ancestral e a humanidade precisa aprender com ele a pisar suavemente na terra*”.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARGUEDAS, José María. *Los ríos profundos*. Obras completas, Tomo III.

Lima: Editorial Horizonte, 1983.

DANOWSKI, Deborah; CASTRO, Eduardo Viveiros. *Há Mundo Por Vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LEAL, Natacha Simeij; *et al.* “Das confluências, cosmologias e contra-colonizações. Uma conversa com Nego Bispo”. *Teresina: Revista EntreRios*, V.2, N. 1, 2019, pp. 73-84.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.